

Cavalo-marinho Boi Pintado, etnomusicologia e pesquisa-ação participativa

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Etnomusicologia

Resumo. O presente trabalho visa expor questões teórico-metodológicas de uma pesquisa de mestrado em andamento. A pesquisa está sendo realizada junto a um grupo de Cavalo-Marinho – folgado pernambucano registrado patrimônio imaterial do Brasil – o qual o proponente da pesquisa também é integrante. Serão apresentados pontos de conexões entre princípios metodológicos da pesquisa-ação participativa, conceitos de práxis sonora e trabalho acústico (ARAUJO, 2009) e anseios dos integrantes do folgado.

Palavras-chave. Cavalo-Marinho Boi Pintado. pesquisa-ação participativa. Práxis sonora.

Title. Cavalo-marinho Boi Pintado, ethnomusicology and participatory-action research.

Abstract. The present work aims at exposing theoretical and methodological questions of a master's research in progress. The research is being carried out together with a group of Cavalo-Marinho - registered intangible heritage of Brazil - which is the proponent of the research is also component of the group. The points of connection between the methodological principles of participatory action research, the concepts of sound praxis and acoustic work (ARAUJO, 2009) and the wishes of members of group will be presented.

Keywords. Cavalo-Marinho Boi Pintado. Participatory-action research. Sound Praxis.

1. Introdução

A Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco, localizada entre o litoral e o Agreste, a cerca de setenta quilômetros de Recife, capital do estado, concentra algumas das manifestações culturais do estado. Dentre elas está o Cavalo-Marinho, brincadeira¹ que engloba características de outras expressões culturais e vários gêneros musicais (MURPHY, 2008, p. 117), além da dicotomia do sagrado e profano (ACSELRAD, 2013, p. 48), sendo uma das definições encontradas nas bibliografias disponíveis “mistura de dança, música, teatro e poesia sob a forma de espetáculo de rua com duração de até oito horas, a brincadeira do cavalo marinho teve a sua origem, segundo seus brincadores, nas senzalas da Zona da Mata Norte de Pernambuco” (ACSELRAD, 2013, p. 28). Para além disso, o Cavalo-Marinho é arte visual, com seus peitorais bordados e enfeitados com espelhos e franjas de tecidos – usados pelos galantes – junto aos chapéus com espelhos e ornamentos brilhosos, bem como os vestidos da pastorinha e dama, que são espécie de personagens, além das máscaras e animais confeccionados com bastante cor e brilho. O Cavalo-Marinho também é fonte de renda e possibilidade de mudança social, além de ser uma escola de todas as artes aqui já citadas, que formam vários artistas.

Este trabalho pretende apontar perspectivas teórico-metodológicas para uma pesquisa de mestrado em andamento² que, para além de uma significação ética, busca apontar outros possíveis caminhos para disciplinas de base etnográfica, principalmente envolvendo colaboração.

2. Possibilidades teórico-metodológicas

Este trabalho tem como base pressupostos metodológicos dos pesquisadores-folgazões do Cavalo-Marinho Boi Pintado e de trabalhos de autores latino-americanos da etnomusicologia (ARAÚJO, 2008; 2013; ARAÚJO; PAZ, 2011; CAMBRIA; FONSECA; GUAZINA, 2017), da sociologia (FALS BORDA, 2016), da antropologia (RAPPAPORT, 2007; URIBE, 2007) e da educação (FREIRE, 1987).

Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo, se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar *pelos* outros nem *para* os outros, nem *sem* os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. (FREIRE, 1987, p. 101 – itálicos como no original).

O pensamento de Freire, bem como a metodologia da Pesquisa-ação Participativa, encabeçada por Fals Borda soa familiar quando lembramos da “crise das representações”, que se intensifica nos Estados Unidos na década de 1980, tendo como um dos principais protagonistas Clifford Geertz, em suas conferências na Universidade de Stanford em 1983 e membros do projeto *Writing Culture*, em particular James Clifford e George Marcus. Porém as discussões dos sentipensantes³ latino-americanos são anteriores a década de 1980 e tem como principal diferença a práxis acadêmica para confrontação do *status quo*. Fals Borda (2016, p. 783) aponta que “O método de estudo-ação [pesquisa-ação] tem o mérito de conceber e buscar o equilíbrio entre a reflexão constante e a prática diária” e a ciência “é uma ferramenta crítica para mudança social, especialmente, quando alguns de seus marcos gerais se rompem e dão lugar a esquemas mais adequados de explicação.” (FALS BORDA, 2016, p. 788). O principal interlocutor desta pesquisa aponta que

[...] eu como pesquisador de Cavalo-Marinho também – pois pesquisei muito para chegar onde estou – vejo os pesquisadores, que eles pesquisem, mas que eles valorizem e vejam a qualidade de cada um [...], uns chegam, só sugam e vão embora, não querem saber o que aconteceu. Depois aparece em mídia de televisão, jornal, e os próprios mestres – coitados – não têm o valor que essas pessoas têm por ser pesquisador (SILVA, 2017)⁴

A prática de pesquisa visada neste trabalho, envolvendo diversos autores e horizontalidade entre os pesquisadores é entendida pelo Mestre Grimário como “segurança

pra gente trabalhar mais aberto, tanto com os pesquisadores e a gente pesquisando também” (SILVA, 2017).

A perspectiva sobre a qual a Pesquisa-ação participativa se baseia, de uma forma um tanto diferente, assume o diálogo e a colaboração como processos epistemológicos e políticos fundamentais que levam a diferentes tipos de conhecimento, visto seu potencial emancipatório, e a outras formas de práxis coletiva (a combinação de ação e reflexão). Reconhecendo o fato que o conhecimento é sempre interessado e produzido através de interações historicamente situadas (como teorizado seminalmente por Mikhail Bakhtin com o conceito de “dialogismo”), esta perspectiva de trabalho vê como necessário um conhecimento produzido dialogicamente baseado na práxis de grupos sociais subalternizados, para confrontar os poderes hegemônicos que os oprimem. (CAMBRIA; FONSECA; GUAZINA, 2017, p. 98-99)

Entendendo que nós, folgazões do Cavalo-Marinho Boi Pintado, já éramos pesquisadores antes do envolvimento com a universidade, e já calejados de pesquisadores que só sugam e depois vão embora e esquecem dos mestres e folgazões, entendendo que críticas pós-modernas às pesquisas de campo são rasas e estipulam o poder maior ao conhecimento produzido em detrimento do conhecimento da comunidade (ARAÚJO, 2008, p. 14), o trabalho de mestrado corrente se assume como colaborativo, mas indo além, buscando – como um grupo de Cavalo-Marinho que já realiza pesquisa – construir saberes associados as reais necessidades e perspectivas do Cavalo-Marinho Boi Pintado, buscando associar a produção de conhecimento acadêmico às formas de produção e os conhecimentos populares, envolvendo co-conceitualizações e co-teorizações (RAPPAPORT, 2007, p. 208), além de buscar a negação do status quo – pois seria ingênuo postular a ameaça à ele somente com esta pesquisa-ação – esse trabalho se assume político, seguindo

Na contramão de “teorias” que buscam tão somente justificar as relações sociais vigentes, nossa proposta, inspirada por Marx e em diálogo crítico e aberto com outras correntes teóricas desmistificadoras da realidade, pretende não apenas interrogar ou explicar os dilemas das relações humanas e sociais, mas ter a audácia de ensaiar, para além de utopias desenraizadas do real, um amanhã de convivência mais generosa e harmoniosa entre as distintas sonoridades humanas e seus produtores (ARAÚJO, 2013, p. 10)

O projeto de pesquisa submetido ao programa de pós-graduação em música da UFRJ foi elaborado de forma conjunta, envolvendo o autor dessa comunicação e o mestre Grimário. Nesta pesquisa, a relação entre o pesquisador ligado a universidade e o grupo em questão, acontece desde 2016, muito antes do primeiro pensamento sobre este trabalho. As questões levantadas serão trabalhadas em conjunto, tendo à frente pesquisadores não-acadêmicos e um pesquisador ligado a um curso de mestrado, buscando entender, a partir das perspectivas epistemológicas dos folgazões-pesquisadores⁵, as práxis sonoras do Cavalo-

Marinho Boi Pintado e as relações de poder subjacentes, “‘práxis’ no sentido de contínua tensão e recíproca interferência crítica entre reflexão e ação.” (ARAUJO; PAZ, 2011, p. 221). Uribe (2007), antropólogo colombiano contemporâneo de Fals Borda, e defensor da Pesquisa-ação Participativa, com algumas ressalvas ao seu contemporâneo, descreve formas de pesquisa com os Guambianos, com quem ele trabalhou

Todo nosso trabalho se desenvolveu através de uma discussão contínua; não se recolheu um corpo de informação para analisá-lo ao final. Pelo contrário, muitas atividades dos Guambianos foram lugar de discussão constante; o trabalho nas escolas, nas festas e eventos escolares, reuniões calçadas, assembleias comunitárias, cursos de formação, diálogos em uma estrada indo e vindo de um local para o outro, as conversas nas casas, as discussões durante os intervalos das reuniões de trabalho, as reuniões de discussão, tudo era um ciclo onde a informação que ia surgindo se confrontava através da discussão e, portanto, iam sendo analisadas com os conceitos que foram surgindo da vida e do trabalho. (URIBE, 2007, p. 40)

O trabalho de campo terá tanta importância quanto o produto final escrito, entendendo o campo como uma área para co-teorização, “entendendo co-teorização como a produção coletiva de veículos conceituais que retomam tanto a um corpo de teorias antropológicas, como aos conceitos desenvolvidos por nossos interlocutores” (RAPPAPORT, 2007, p. 204).

Algumas questões foram levantadas junto aos folgazões, como relação entre o grupo e a comunidade da Chã do Esconso, local de sede do grupo. A minoria dos participantes do Boi Pintado mora neste distrito, contudo, a comunidade costuma contribuir para apresentações que ocorrem lá e, de acordo com o mestre, a população pede para que ocorram mais apresentações. Outro ponto deste estudo é a busca pelo entendimento das consequências da residência do mestre, localizada em Olinda, e como isso influencia na dinâmica de ensaios – que ocorrem raramente durante o ano –, na logística de transporte dos folgazões para apresentações e nas resoluções de questões burocráticas do grupo. Nesse sentido, busca-se entender a consequência da residência de participantes em cidades que não a cidade da sede do grupo. Os participantes se dividem nas cidades de Recife, Olinda, Condado, Aliança e Camutanga, todas no estado de Pernambuco. Estas questões se referem à formação do cavalo-marinho Boi Pintado e estão em desacordo com a análise de Murphy (2008) que evidencia o fato dos grupos de cavalo-marinho serem formados por pessoas que têm um vínculo familiar ou são colegas de trabalho, e que moram na mesma localidade. (MURPHY, 2008, p. 46-47). Além disso, outra questão é o reflexo das políticas públicas de salvaguarda no brinquedo e as mudanças que ocorreram após o registro do cavalo-marinho como patrimônio imaterial em 2014.

O trabalho será desenvolvido a partir da criação de um grupo de pesquisa formado por integrantes do cavalo-marinho Boi Pintado, dentre os quais está o autor deste texto. Serão propostos encontros semanais na sede do Cavalo-Marinho Boi Pintado, além de encontros corriqueiros dos sujeitos da pesquisa, com o intuito de impulsionar um “processo epistêmico – no sentido de passarem por uma experiência de reflexão conjunta, dando-lhe continuidade por meio de conversas, consultas a terceiros, leituras, análises, interpretações” (SALGADO et al, 2014, p. 102). Seguindo a ideia de Rappaport (2007, p. 207)

os interlocutores dos antropólogos adquiriram novos modos de interpretação, possíveis de ser aplicados mais além da esfera acadêmica, em espaços comunitários em que a escrita não é a meta. O que desejam os textos escritos por antropólogos/as para consumo acadêmico é legitimar este processo nos círculos acadêmicos e, mais importante ainda, trazer à luz uma nova epistemologia do trabalho de campo, na qual o campo opera como lugar para criar conceitualizações, em contraste com a ideia de campo como espaço de recolhimento de dados.

A questão sonora é fundamental à pesquisa, norteando as práticas, a etnografia, as análises que serão feitas em conjunto – tendo a práxis como forma de produção de conhecimento pautada na associação horizontal entre teoria e prática, conhecimento acadêmico e popular.

Procurava-se, assim, transcender associações, ainda que generosamente flexíveis, ao termo “música” ou a outros que lhe são correspondentes, concentrando-se numa totalidade que: 1- enfoca estrategicamente o trabalho acústico, ou o aspecto sonoro da atividade prática humana em sua ligação orgânica com outros aspectos dessa mesma atividade geral, e, particularmente, sua dimensão política, isto é, de ação que propõe alianças, mediações e rupturas; e 2- integra o que aparece frequentemente no meio acadêmico, e notadamente em instituições que lidam de algum modo com material musical ou Sonora, como categorias de conhecimento distintas ou mesmo estanques (teoria e prática, som e sentido, etc). Assim, por meio da categoria Práxis Sonora enfatizo a articulação entre discursos, ações e políticas concernentes ao sonoro, como esta se apresenta, muitas vezes de modo sutil ou imperceptível, no cotidiano de indivíduos (músicos amadores ou profissionais, agentes culturais, empreendedores, legisladores), grupos (coletivos de músicos, públicos, categorias profissionais), empresas e instituições (por exemplo, sindicatos, agências governamentais e não-governamentais e escolas), tomando como pano de fundo a política e as lutas pela cidadania plena e pelo poder no Brasil hoje. (ARAÚJO, 2013, p. 8)

A crescente conscientização global sobre as diferenças de poder simbólico e de poder político-econômico entre os estudiosos acadêmicos e os sujeitos das populações estudadas – bem como sobre as representações elaboradas a partir dessa relação – instiga a autocrítica e a desconstrução de velhos métodos e epistemologias utilizadas nas representações de grupos humanos, como o objetivismo, a neutralidade positivista e grandes relatos.

3. Conclusões

Essa comunicação apresenta de forma panorâmica um trabalho em construção, envolvendo contextos comumente representados de formas desiguais, porém busca ir contra as formas de construção hegemônicas de pensamento que contribuem para manutenção de desigualdades entre pesquisadores ligados a universidades e as pessoas que fazem parte das pesquisas. A maioria dessas questões são negligenciada pela maioria de nós. Esse trabalho busca a mudança social não só em termo micropolíticos – colaborações de longo prazo, textos em co-autoria, empoderamento, etc – bem como em termos macropolíticos: um projeto de ação para o rompimento com o *status quo*.

Tendo a ferramenta metodológica da pesquisa-ação participativa, junto a ferramenta teórica da práxis sonora, esse trabalho busca ir na contramão das contradições presentes na estrutura hierárquica da academia. Envolvendo co-autorias e co-conceitualizações, onde a concepção de produção e organização de conhecimentos nativos é destacada.

Referências

ALMEIDA, Jorge Luiz Sacramento De. *Ensino/aprendizagem dos Alabês: Uma experiência nos terreiros Ilê Axé Oxumarê e Zoogodô Bogum Malê Rundó*. 2009. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador

ARAUJO JUNIOR, S. M.. From neutrality to praxis; the shifting politics of applied ethnomusicology. *Muzikoloski Zbornik / Musicological Annual*, v. XLVI, p. 13-30, 2008.

_____. Entre muros, grades e blindados; trabalho acústico e práxis sonora na sociedade pós-industrial. Publicação de artigo vinculada ao projeto de pesquisa 'Música, pesquisa-ação participativa e processos político-sociais no mundo lusófono; um estudo comparativo. *El Oído Pensante*, v. 1, p. 1-15, 2013.

ARAUJO, Samuel; PAZ, Gaspar. Música, linguagem e política: repensando o papel de uma práxis sonora. *Terceira Margem.*, Rio de Janeiro, p. 211-231, n. 25, jul/dez 2011.

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Edilberto; GUAZINA, Laize. “Com as pessoas”: reflexões sobre colaboração e perspectiva de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira. In: LÜHNING, Angela e TUGNY, Rosângela. *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2017.

FALS BORDA, Orlando. Reflexões sobre a aplicação do método de Estudo-Ação na Colômbia. *Direito e práxis*. Vol. 07, N. 13, Rio de Janeiro, 2016[1973], p. 771-788

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RAPPAPORT, Joanne. Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. *Revista colombiana de antropología*. v. 43, 2007. p. 197-229



SALGADO, José Alberto; ERTHAL, Júlio; PERES, Leonardo R.; GANC, David; GREGORY, Jonathan A. “Refletindo sobre a interlocução em pesquisas com música”. *Debates*. n.12, p. 93-105, 2014.

SEEGER, Anthony. Ethnography of Music. In: *Ethnomusicology: An Introduction*. H.Meyers Ed. W.W. Norton & Company, 1992. Tradução: CIRINO, G. “Etnografia da Música”. In: cadernos de campo, São Paulo, n. 17, p. 1-348, 2008.

URIBE, Luis Guillermo Vasco. Así es mi método en etnografía. *Tabula Rasa. Revista de Humanidades*. Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca. n. 6. 2007.

Notas

¹ “O Brincador, aquele que dança, toca ou coloca figura, também é chamado de sambador ou folgazão” (ACSELRAD, 2013, p. 48). Segundo Da Matta (1997) “o verbo brincar está cheio de possibilidades metafóricas no Brasil. Assim, brincar significa também relacionar-se, procurando romper fronteiras entre as posições sociais, criar um clima não verdadeiro superimposto à realidade” (1997, p.144), sendo a brincadeira não um divertimento propriamente infantil, mas o Cavalo-Marinho em si. Essas serão as expressões mais utilizadas, por ser mais abrangente em significados e porque são as mais utilizadas entre os integrantes do Cavalo-Marinho (ACSELRAD, 2013, p. 48).

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – CÓDIGO DE FINANCIAMENTO 001

³ Termo cunhado por Fals Borda para se referir ao intelectual envolvido no projeto de pesquisa-ação participativa e sua práxis atenta aos contextos de violência e dominação em seu diálogo com os grupos com os quais trabalha.

⁴ Seguindo a proposta de Almeida (2009), decidi referenciá-lo como autor a partir de seu sobrenome (SILVA) e da data em que o depoimento foi feito. Nas referências bibliográficas podem ser encontrados maiores detalhes sobre o registro.

⁵ Autores têm abordado a música a partir do ponto de vista dos nativos, usando as categorias nativas de expressão. (SEEGER, 2008, p. 251)